

## **SOBRE DIÁLOGOS ENTRE MÃES E PAIS: PENSANDO A PRÁTICA GRUPAL COM EQUIPE REFLEXIVA NA PARENTALIDADE ADOTIVA**

**F**alar sobre os *ecos* suscitados por um artigo, livro, filme, exposição, enfim, qualquer situação a que nos vemos expostos, é sempre uma maneira de dar âncora a tudo que foi emergindo na experiência. Do contrário, todo o experimentado parece se esvanecer, fluidificado de tal forma que, como fumaça, se desfaz. É como se dendritos de nossos neurônios não encontrassem outros aos quais se conectar e a sinapse, provável, resultasse inválida.

Pensando sobre isso, imaginei que já estivesse exatamente dentro do tema do artigo, ou seja, as equipes reflexivas poderiam ser pensadas como os dendritos de uma rede neuronal atenta que vai propiciando conexões e ampliando as possibilidades sinápticas a uma ordem maior do que a possível sem suas presenças.

Bem, foi nesse clima que li o referido artigo, cujo tema faz parte de minha atuação no campo da adoção, além de trazer as equipes reflexivas como um recurso terapêutico produtivo para todos os envolvidos. Acredito que, para cada um de nós, seja num tempo/espaço de formação, seja na própria vida cotidiana, existem alguns assuntos ou autores que nos convocam em particular, produzindo diálogos internos e nos convidando a saber mais. Foi assim quando conheci Tom Andersen e sua produção sobre processos reflexivos; ele parecia dar palavras a sensações, sentimentos e percepções ainda soltos e sem lugar, no meu processo de construção de conhecimento.

Dessa mesma forma, a leitura do artigo foi oferecendo nutrição já desde o título, quando vejo denominados como mães e pais aqueles que pretendem sê-lo, aqueles que “gestam” enquanto esperam pelas crianças e pelos adolescentes que irão inaugurá-los nessa posição. Desse modo, conforme destacam as autoras, é como se esses pais e mães adentrassem à parentalidade dialogicamente, com as oportunidades de acesso a novos conhecimentos e com a produção de sentidos, tanto individual quanto coletivamente.

Apesar de as autoras mencionarem, ao final do trabalho, a limitação do estudo por conta do pequeno número de participantes, pensei que os resultados que elas trazem podem, também, ser verificados em várias outras frentes de cuidado e atenção a pretendentes. São exemplos disso as referências feitas às expectativas e ansiedades típicas do tempo de espera, às dúvidas sobre a vida pregressa da criança, às demandas que giram em torno das adoções inter-raciais e das chamadas adoções tardias, ao difícil exercício do preenchimento do perfil, a importância e a necessidade da rede de apoio; enfim, os medos e as preocupações que circulam de modo mais frequente e que receberam acolhimento e tratamento nesse processo.

Acolhimento e tratamento, portanto, qualificam o trabalho na posição de *grupo terapêutico*, conforme foi denominado e, adequadamente, sugerido como complemento necessário e importante ao trabalho desenvolvido pelo judiciário, cuja competência, além de objetivo, constitui um processo seletivo e de avaliação,

**MARIA LUIZA  
BAMBINI  
VASCONCELLOS**

*PertenSer,  
Instituto Noos,  
São Paulo, SP, Brasil*

apesar do curso preparatório oferecido. Este último, por sua vez, também se apresenta como um portador de significados e produtor de sentidos que, no entanto, podem clamar por uma continuidade que propicie trocas e questionamentos, esses isentos do julgamento que o ambiente possa sugerir.

Nesse contexto, o projeto primou por vários aspectos: a escolha do questionário inicial e final; os temas e o modo de apresentação dos mesmos em cada encontro; a escrita e a retomada de uma carta como um exercício de conversa interna; a construção de um mapa de rede; a participação de convidadas. Enfim, tem-se, ao final de cada encontro, uma riqueza de oportunidades reflexivas potencializadas pela escuta da equipe reflexiva, oferecendo a *troca de posições entre o falar e o escutar*, assim como, *proporcionando a multiplicidade de vozes*, como tão bem apontado no relato da intervenção grupal.

Me recorro de considerar particularmente instigante a frase de Tom Andersen sobre seu experimento inaugural de uma equipe reflexiva (2002, p.37): “não éramos mais a (única) parte responsável. Éramos somente uma das duas partes.” Em todo o artigo, senti a memória dessa frase presente, porque embora não tenha existido um comentário específico sobre isso, os relatos pareciam dizer sobre o quanto estavam todos animados e seguros, ou seja, cada segmento, terapeutas de campo e equipe reflexiva, era *apenas* uma das partes trabalhando em cooperação.

Do ponto de vista dos participantes, a presença da equipe reflexiva também foi mencionada como um recurso que, além de trazer novos olhares aos temas abordados cuja oferta ampliou os aspectos em discussão, também ofereceu novos conhecimentos. A equipe reflexiva, portanto, pareceu atuar de modo formativo e informativo, além de ter ofertado um significativo acolhimento, como foi destacado.

Por fim, e não menos importante, é preciso destacar a evidência, que a experiência narrada nos oferece, sobre a necessidade do trabalho terapêutico com pretendentes, de forma que sua preparação para a parentalidade durante o tempo de espera seja, de fato, um período de *gestação*. Gestar pode ser compreendido como dar origem a alguma coisa, seja subjetiva ou objetivamente, logo, o trabalho terapêutico pode e deve ser um tempo de pensar a respeito dos próprios anseios, entendê-los e (re)significá-los à luz do que necessitam os adultos e as crianças envolvidos nos processos adotivos.

## REFERÊNCIA

Andersen, Tom (2002). *Processos Reflexivos* Tradução: Rosa Maria Bergallo. Rio de Janeiro: Instituto Noos: ITF.

---

## MARIA LUIZA BAMBINI VASCONCELLOS

Pedagoga e Terapeuta de Casal e Família pelo Instituto Sistemas Humanos, membro do PertenSer ([www.pertenser.com](http://www.pertenser.com)), Grupo Terapêutico voltado ao atendimento de famílias em processo de adoção e/ou de reconstituição dos laços relacionais. Membro do Instituto Noos, atuando na Clínica Social. Formadora da equipe da Instituição de Acolhimento CAMID.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0868-2598>

E-mail: [iza.vasconcellos@uol.com.br](mailto:iza.vasconcellos@uol.com.br)